

LITERATURA PORTUGUESA

José Cardoso Pires, analfabeto do corpo

O romancista viveu a experiência de ficar "sem memória e sem sentimentos" por dias

JOSÉ CASTELLO

Ninguém pode pensar na literatura portuguesa contemporânea sem pensar na obra sofisticada do romancista José Cardoso Pires. Mas ninguém pode pensar na obra de José Cardoso Pires, a partir de agora, sem pensar em uma experiência ímpar que ele viveu há menos de dois anos, um vácuo existencial em que a obra se evaporou e um outro homem parece ter tomado seu lugar. Mistério que ele tenta resolver na própria obra, por meio do livro, ainda sem título, que se dedica agora a escrever.

Na manhã do dia 12 de janeiro de 1995, Cardoso Pires foi acometido por uma doença grave e misteriosa e, por oito dias, esteve desenganado pelos médicos. "Eu me tornei um homem sem memória e sem sentimentos", diz. "Movia-me com perfeição e segurança, mas se me mostravam um relógio, eu dizia que era um terno e queria me pentear com a escova de dentes." Apesar da pane mental, o escritor conservou sua autoconfiança e, por várias vezes, chegou a se irritar por constatar que o tratavam como um menino.

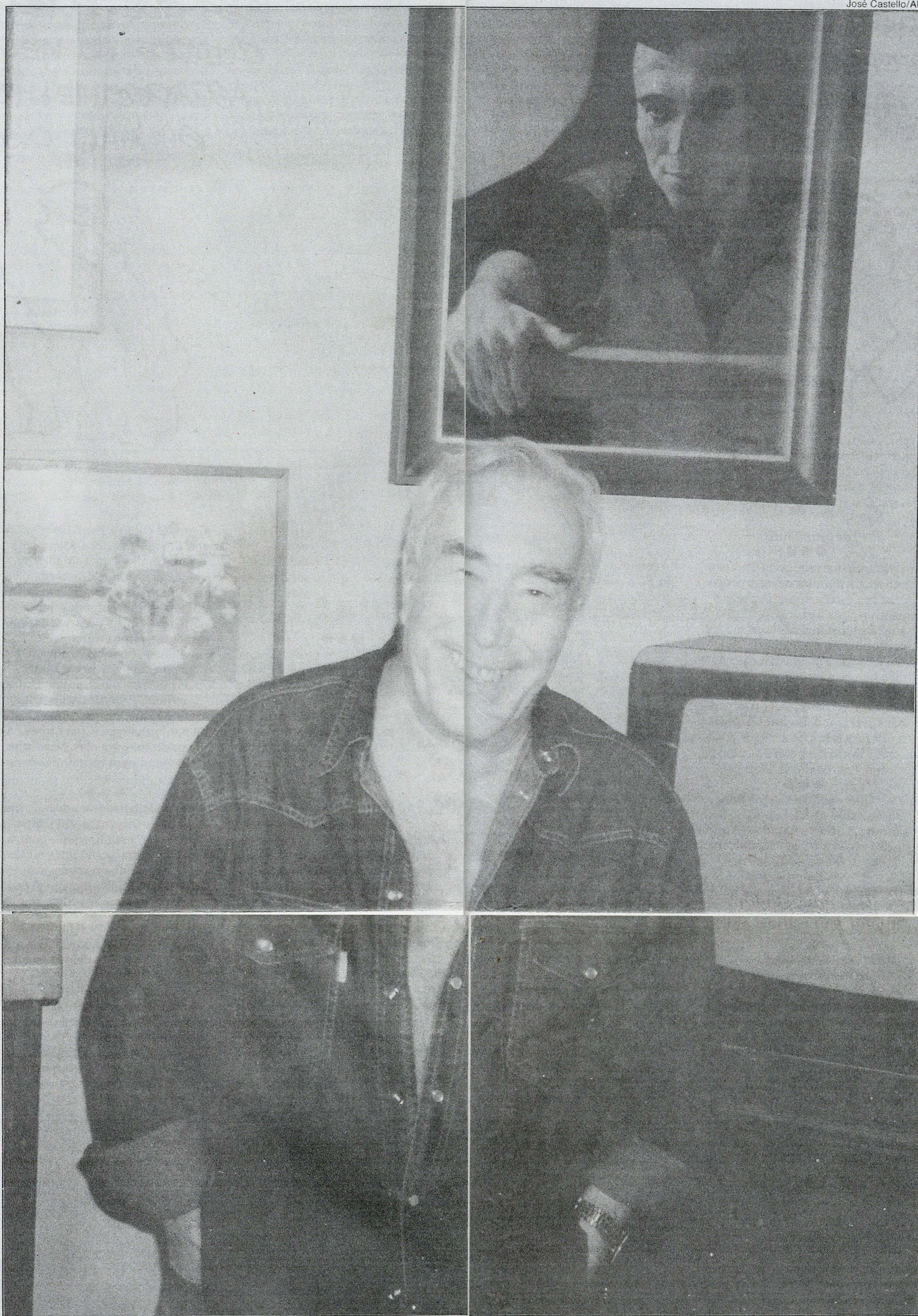
A doença surgiu de modo abrupto. O escritor tomava o café da manhã na sala de estar de seu apartamento no bairro do Alvalade, em Lisboa. Folheava o jornal do dia. Tudo estava em perfeita ordem. Até que sua mulher, Edite, entrou na sala para saber se ele queria um pouco mais de café. Cardoso Pires ergueu a cabeça, olhou-a com olhos perdidos e perguntou: "Como é que você se chama?" Sem saber o que dizer, ela respondeu: "Edite. E você?" José Cardoso Pires não soube responder.

A mulher percebeu que o escritor estava fora de si e chamou um médico. Exames realizados logo em seguida diagnosticaram um grave acidente vascular cerebral. O risco de morte cerebral era, naquele momento, muito grande. Ele passou a ser tratado, então, pelo eminente dr. João Lobo Antunes, o mais renomado neurocirurgião português que é, por coincidência, irmão do escritor não menos célebre António Lobo Antunes. Cardoso Pires (que é autor *Alexandra Alpha*, publicado no Brasil pela Companhia das Letras) e o dr. Lobo Antunes já se conheciam de vista, por meio de António. Quando o escritor deu entrada no hospital, o médico foi avisado em seu gabinete: "Quem acaba de se internar é o José Cardoso Pires", lhe disseram. Lobo Antunes foi imediatamente vê-lo. Quando entrou na enfermaria, foi recebido por um homem absolutamente ausente e indiferente. Base não o reconheceu.

Após exames minuciosos, o dr. Lobo Antunes declarou que José Cardoso Pires estava incapacitado de ler e escrever para sempre. Seu diagnóstico foi confirmado por outros médicos respeitáveis. Portugal parecia perder, ali, um de seus maiores escritores. As explicações para a doença, porém, continuavam nebulosas e pouco convincentes. Havia, é verdade, um precedente: um mês antes, José Cardoso Pires dormiu no volante de seu carro e sofreu um violento acidente. Quatro costelas ficaram, então, enterradas nos pulmões, sem maiores sequelas. Parecia que a sorte estava a seu lado. Conectados os dois episódios, os médicos chegaram, porém, a uma explicação que a desmentiu: um agulho de sangue subira dos pulmões até uma zona nobre do cérebro, e ficou um pouco acima da testa e controla a memória e a fala. A doença era um efeito, retardado, do desastre e automóvel.

Fechado o diagnóstico, os médicos se empenharam em desfazer o coágulo com métodos não-venenosos. Nada conseguiram. A única opção que lhes restava era uma cirurgia e risco, que tinha 0% de chances de sucesso. Os médicos não estavam seguros se essa era uma solução correta. Resistiu a realizá-la. Até que o dr. Lobo Antunes convocou a família do escritor e lhes comunicou: "Eu opero, mas tem de ser já. Amanhã ou depois, no máximo."

Cardoso Pires foi submetido a dois dias de exames rigorosos. No segundo dia, o quadro agravado, a cirurgia foi marcada para a meia-noite. Enquanto o escritor era preparado, o dr. Lobo Antunes foi a um jantar inadiável em Cascais. No meio do jantar, recebeu um telefonema. "Não sei dizer o que houve, mas o coágulo desapareceu", disse-lhe um assistente, cheio de es-



José Cardoso Pires: "O que espanta os médicos, hoje, é que eu não tinha memória, mas tinha consciência de que não tinha memória."

panto. "O escritor ficou bom." Mesmo assim, o médico interrompeu o jantar, pegou o carro e se dirigiu ao hospital. "Quando ele chegou, seis ou sete médicos rodeavam minha cama, atônitos, como se eu fosse um extraterrestre", recorda Cardoso Pires. Ainda foi preciso todo um mês, porém, para o escritor recuperar toda a memória.

Ficou curado de forma tão abrupta e incompreensível quanto ficou doente. Só então foi invadido por intensa angústia. Em longas conversas que teve depois com seu médico, José Cardoso Pires pôde reconstituir uma parte importante do hiato existencial em que a doença o lançou. Resolveu, então, escrever um livro relatando a experiência. O

dr. Lobo Antunes ofereceu-se para ajudá-lo. "Foi muita gentileza, mas eu recusei", o escritor diz. "Não quero escrever um relato científico. Quero escrever como um analfabeto do corpo", decidiu.

José Cardoso Pires se dedica, agora, a escrever um longo depoimento, um livro de memórias — e não um romance. Quer registrar tudo o que se passou em sua mente durante os oito dias em que esteve ausente do mundo. Nesse período, só reconhecia vagamente a mulher. "Quando a via, eu tinha a impressão de que era uma pessoa que tinha alguma relação comigo", descre-

ve. Estava lançado em um estado de torpor emocional, que nem por isso excluía a agitação; uma estranha paz violenta. "O que espanta os médicos, hoje, é que eu não tinha memória, mas tinha consciência de que não tinha memória", recorda. Parte da consciência, portanto, resistia.

Os sinais da doença eram bastante enigmáticos. Houve um período, por exemplo, em que Cardoso Pires começou a ver certas letras do alfabeto sempre invertidas. "Quando eu lia o cartaz da casa de banho do hospital, por exemplo, o B e o N de banho estavam sempre ao contrário", diz. Provavelmente, o H também, só que o H invertido é o mesmo. O mais intrigante, porém, é que apenas as consoantes mudavam de posição, as vogais não. O fenômeno se prolongava também na fala. Por várias vezes, o escritor tentou responder às perguntas que lhe faziam usando estranhas palavras compostas apenas por consoantes. "O mundo parecia todo escrito e falado em russo", ele diz, referindo-se a uma língua que nunca estudou. Outro fato extravagante: durante a doença, só os homens choravam à sua frente. As mulheres, mesmo Edite, pareciam inteiramente frias e insensíveis. Mas ele próprio, embora consciente de sua identidade masculina, se sentia indiferente e sem sentimentos.

Também a escrita de José Cardoso Pires ficou afetada. "Quando eles me pediam para escrever, eu fazia riscos estranhos, que mais pareciam os caracteres cuneiformes dos sumerianos. Como se eu estivesse a escrever a esti-

lete", diz. O escritor se sentia em paz, mas tinha, ao mesmo tempo, um medo crescente de estar caminhando para a loucura. "Fiquei afundado em trevas luminosas. Tudo era vivo e luminoso", descreve. "Além disso, tudo era alegre. O hospital me parecia um lugar de muita luz, em que as camas eram muito brancas e as pessoas pareciam sempre muito felizes." Seus dois companheiros de quarto, um empreiteiro chamado Delfim e um comerciante chamado Álvaro, ambos internados para graves cirurgias no cérebro, não lhe pareciam pessoas, mas apenas sombras. Só três ou quatro dias depois de ser internado, Cardoso Pires passou a vê-los como homens e eles se puseram a partir daí a conversar sem parar. Passavam os dias dizendo piadas, anedotas viris e cruéis a respeito da doença, da morte de sua condição de doentes desenganados.

A experiência parece agora ao escritor mais singular do que a maioria dos livros que já leu. Daí a decisão de transportá-la para o papel. O problema de José Cardoso Pires, agora que está inteiramente bom, é definir a estrutura de seu livro. O problema é que o narrador está dividido em dois: sou eu e é um outro que se desprende de mim", diz. Enquanto não descobre uma solução para esse impasse técnico, ele se limita a tomar notas e a fa-

zer também a revisão de um novo romance, praticamente pronto, mas ainda título. "É sempre assim", diz. "Sempre chego primeiro ao livro pronto e aí não sei como chamá-lo." José Cardoso Pires tem um terceiro livro acabado na gaveta, *Lisboa: Livro de Bordo*, que será lançado pela editora D. Quixote na ocasião da Expo 98, grande feira internacional a se realizar daqui a dois anos na capital portuguesa. O escritor nasceu na Baixa Alta, mas

DEPOIS DA CURA, VEIO UMA INTENSA ANGÚSTIA

veio para Lisboa ainda menino. Só voltou a visitar a região em que nasceu em 1975. "É uma terra que não me interessa. Sou lisboeta até na maneira muito fechada de falar o português."

A Lisboa de José Cardoso Pires é uma cidade mítica. Ele se fixa, sobretudo, nas calçadas da cidade, todas elas decoradas com motivos marinhos. Ondas, rosas dos ventos, caravelas, peixes, delfins decoram o chão que os lisboetas, distraídos, pisam sem ver. "Não se pode pensar Lisboa, sem pensar no mar", diz. Sempre que recebe um visitante de fora, Cardoso Pires o leva ao restaurante Ponto Final, localizado no Cais do Ginjal, no caminho para Almada — a Niterói lisboeta. "É pequeno, fica em cima de uma velha ponte do cais abandonado e de lá você vê Lisboa inteira do outro lado do Tejo", descreve.

O escritor é fascinado, também, pelos azulejos da cidade. Sente-se parti-

cularmente encantado, ultimamente, com a decoração das novas estações do metrô lisboeta, cada uma delas com motivos inspirados no bairro a que dá acesso. Cardoso Pires tem seus vícios de lisboeta romântico. Costuma caminhar sempre, por exemplo, até certo ponto da Avenida de Roma, na calçada oposta à do Cinema Londres, onde existe uma velha loja de enxovais que tem seu nome grafado na calçada: Daisy. Lá, então, começa a recitar para si mesmo, de memória, o *Soneto Já Antigo*, de Álvaro de Campos ("Olha Daisy quando eu morrer tu hás-de/ dizer aos meus amigos aí de Londres,/ embora não sintas, que tu escondes/ a grande dor da minha morte..."), inspirado pela inscrição.

Fica muito satisfeito em conversar com um repórter brasileiro, pois isso lhe traz boas lembranças. Em 1959, perseguido pelo regime salazarista, José Cardoso Pires refugiou-se em Londres e, pouco depois, estimulado por um amigo que era comissário de bordo da Panair, veio para o Brasil. Teve a sorte de ser apresentado, pouco depois, ao jornalista Paulo Francis, que foi o seu grande anfitrião em nosso país. Na revista *Senhor*, sob pseudônimo, escreveu artigos violentos contra o regime de Salazar. Artur Siroski, o editor, escalava um redator especial para "abrasileirar" o texto de Cardoso Pires, de modo que a política portuguesa não se desse conta de que aqueles artigos virulentos eram escritos por ele. Tornou-se amigo de Nara Leão, Ruy Guerra, Carlos Scliar, Rubem Braga, João Cabral de Melo Neto e de Fernando Sabino, além de um menino chamado Francisco Buarque de Hollanda. Um dia, horrorizado, Cardoso Pires abriu um jornal brasileiro e leu um longo artigo que relatava, em detalhes, sua vida secreta no Brasil. O texto não vinha assinado por nenhum espião português, mas pelo amigo insuspeito Fernando Sabino. "Hoje posso perdoá-lo", diz. "Os brasileiros, naquela época, estavam tão acostumados com a liberdade que nem sabiam o que era a falta de liberdade."

Apesar da grande simpatia pelo Brasil, Cardoso Pires lamenta que, até hoje, os brasileiros tenham, em geral, uma idéia fantasiosa dos portugueses,

gem nos tempos do salazarismo. "É a imagem do português pé descalço, inculto e analfabeto, uma imagem bucólica e romântica que não corresponde ao homem português real." Essa representação desvirtuada, ele pensa, produziu alguns erros fundamentais, que ora denigrem, ora superestimam Portugal na mente dos brasileiros. Um exemplo gritante, a seu ver, se dá em relação à cozinha portuguesa. "O brasileiro médio fala da cozinha portuguesa como se ela fosse espetacular", diz. Mas corrige: "Nós temos uma boa cozinha, mas a brasileira é muito superior."

O escritor admite que vive, ele também, em um estado de conflito permanente com a identidade portuguesa. "Um dos motivos pelo qual eu escrevo é que sofro de um conflito de identificação com o país que amo", diz. Cardoso Pires diz que escreve para se descobrir, para se identificar consigo mesmo, mas também para se identificar com seu país e com sua língua. "Mas, para criar, é preciso corromper. Não se ama uma língua sem corrompê-la", afirma. Essa relação de tensão, a seu ver, produz muitos conflitos entre Portugal e seus escritores mais inquietos. "Escrevo para criar uma nova relação com a língua, uma nova sintaxe", diz. "Não é o jargão que me interessa, mas a sintaxe." A importância desse lado lógico da língua é, quase sempre, desprezado pelos leitores. Questioná-lo produz, sempre, inquietação.

Não se deixa abater pelos efeitos dessas incompreensões. "Um país é uma coisa grande demais para que se possa conhecer sem conflito", diz. "Tudo o que é grande cria mistério, cria desconhecimento, cria conflito." Cardoso Pires acha que um homem só se torna de fato escritor se entrar em luta amorosa com seu país e com sua língua. Por isso, o escritor e o artista se tornam cidadãos utópicos, sempre colocados sob suspeita. "Porque têm a consciência de que existe, tanto para eles quanto pela sociedade, um nível de perfeição inatingível." Assim como um matemático que, para fazer qualquer raciocínio, tem de levar em conta o infinito, assim também alguém só se torna escritor se leva em conta o impossível. "O Portugal dos meus sonhos é um país impossível, e não o planejado hoje pela política pragmática dos europeus", diz. Por isso os escritores, mesmo os mais austeros, parecem sempre um pouco atormentados. Eles sofrem do amor pelo que jamais vai existir.